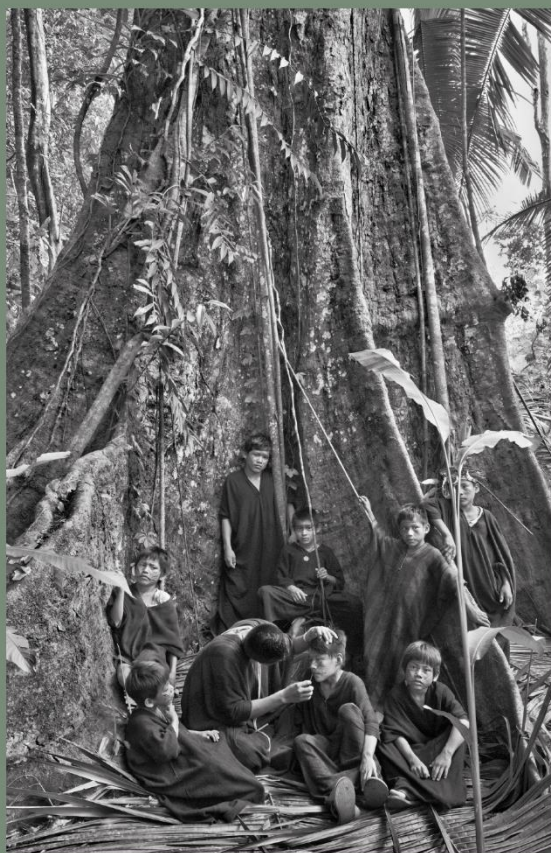


# EXPOSIÇÃO AMAZÔNIA



SEBASTIÃO SALGADO

Curadora: Lélia Wanick Salgado

## PERÍODO

20.2.2018 a 30.6.2018

## HORÁRIOS

Manhã: 10h às 12h (segunda a sexta-feira),

Tarde: 14h às 18h (segunda a sexta-feira)

\* Nos dias de Sessão Plenária,  
faz-se necessário o uso de traje formal.

## LOCAL

Edifício-Sede do STF,  
entrada pela Praça dos Três Poderes  
Visita gratuita

## UMA INICIATIVA PELA FLORESTA AMAZÔNICA DO BRASIL

Muito tem sido escrito sobre a destruição da floresta amazônica, sobre o desmatamento de grandes extensões de floresta primária por incêndios intencionais, para dar lugar a fazendas de gado e a plantações de soja. Muito se tem escrito sobre o envenenamento de cursos d'água por garimpeiros e sobre a penetração em áreas virgens para o corte ilegal de madeira. Tudo isso, e muito mais, são fatos reais, que têm feito soar o alarme, não só no Brasil, que abriga 65% da floresta amazônica, mas também fora do país, entre cientistas conscientes do grande impacto causado pela região sobre os padrões de comportamento do clima em escala planetária.

Por outro lado, embora grandes áreas dessa que é a maior floresta tropical do mundo tenham sido destruídas, 81% da parte brasileira permanecem intactas. O Brasil tem, assim, a responsabilidade, compartilhada com os oito demais países da Bacia Amazônica e com a comunidade internacional como um todo, de proteger

o que resta da floresta amazônica. Foi esse sentido de urgência que nos levou a promover uma iniciativa visando ao desenvolvimento de novas formas criativas de gestão sustentável da região amazônica, capazes de proteger seu imenso capital natural.

Para tanto, o papel central deve pertencer aos guardiões ancestrais da floresta, seus povos indígenas, que na verdade já desempenham esse papel há longo tempo. As intensas campanhas dos últimos trinta anos vêm favorecendo um notável avanço, ao garantirem aos índios brasileiros seus territórios legítimos, respeitando, ademais, o isolamento de 70 a 100 comunidades que até hoje não tiveram nenhum contato externo.

Atualmente, leis federais asseguram aos indígenas o direito exclusivo de ocuparem 25,7% da região amazônica brasileira, equivalentes a 1.080.102 km<sup>2</sup>. Assim, 240 comunidades, com uma população total de 900.000 pessoas, vivem em 690 diferentes reservas, onde, apesar de invasões ocasionais, beneficiam-se de considerável proteção por parte da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), órgão do governo brasileiro responsável pelo cumprimento da política indigenista do país.

As imagens da região amazônica, obtidas por satélites, apresentam uma razão adicional para colocarmos as comunidades indígenas no centro desta iniciativa: praticamente nenhum desmatamento ocorreu nos territórios das reservas indígenas.

Igualmente promissor, de acordo com as mesmas imagens satelitais, é o fato de que poucos danos à floresta tropical são visíveis nas "unidades de conservação", áreas protegidas que cobrem 1.158.263 km<sup>2</sup>, ou 27,6% da Amazônia brasileira.

O desmatamento é uma realidade inegável, ainda mais evidente em terras do governo e de particulares, especialmente em torno das zonas urbanas em rápido desenvolvimento e ao longo dos rios e rodovias.

Mas mesmo nessas áreas, que ocupam uma superfície de 1.958.578 km<sup>2</sup>, mais de 60% da floresta permanece intocada.

Para explorar essa herança original, realizamos uma viagem fotográfica de longa duração, registrando os diversos estilos de vida dos indígenas, que ainda hoje vivem em harmonia com a floresta amazônica.

Fotografamos até o presente dez comunidades: os Kuikuro, os Kamayurá e os Waurá na região do Alto Xingu, bem como os Zoé, os Awá, os Yanomami, os Ashaninka, os Yawanawa, os Suruwará e os Korubo, grupos étnicos que vivem no coração da Amazônia.

Em 2018 e 2019, vamos trabalhar com outras quatro comunidades, algumas em áreas remotas que só podem ser alcançadas por rio ou em pequenos aviões, e outras que aprenderam a defender sua identidade apesar da proximidade com o mundo ocidental.

Ao mesmo tempo, estamos organizando arquivos mais amplos de toda a região, com fotografias no solo e aéreas, do complexo labirinto formado pelos sinuosos afluentes que alimentam o rio Amazonas, e das dramáticas mudanças nos níveis de água durante as estações secas e as de enchente; e também com fotografias aéreas da floresta virgem e das colunas de fumaça que se elevam por quilômetros, acima das áreas onde a floresta ainda está sujeita a incêndios.

Nossa esperança é que o livro e as exposições que resultarão desse trabalho fotográfico sirvam como catalisadores, que despertem a consciência de todos para a necessidade de proteger a floresta amazônica e sua população indígena, e que permitam, também, criar novas formas de utilização dos recursos humanos e naturais da floresta, sem colocá-los em perigo.

Para nós, essa iniciativa decorre naturalmente da experiência adquirida na realização de projetos fotográficos anteriores, sobre alguns dos temas importantes da nossa época, que foram também apresentados na forma de livros e exposições itinerantes.

*Outras Américas* mostrou camponeses pobres marginalizados pela urbanização na América Latina. *A Mão do Homem: Uma Arqueologia da Era Industrial* foi ao encontro dos homens e mulheres que continuam a trabalhar com suas próprias mãos ao redor do mundo – em campos, minas ou fábricas – apesar da modernização galopante. *Êxodo* trouxe um olhar sobre o fenômeno do deslocamento em massa de populações – migrantes, refugiados, pessoas que fogem da pobreza, de desastres naturais ou de guerras. E em *Terra*, documentamos a luta dos camponeses brasileiros pelo direito de obter um pedaço de terra que possam cultivar e, assim, garantir a sua sobrevivência.

No final dos anos 1990, passamos de observadores a atores engajados, realizando o reflorestamento de uma propriedade familiar no estado de Minas Gerais, Brasil. Tal como acontece com tantas outras fazendas naquela região, as árvores tinham sido arrancadas a fim de abrir caminho para a agricultura. Com o tempo, a terra sofreu uma intensa erosão e se tornou estéril. Nos últimos 15 anos, replantamos mais de 2,5 milhões de mudas de espécies nativas em 800 hectares. Graças ao Instituto Terra, entidade que fundamos, temos assistido ao ressurgimento de córregos e ao retorno de insetos e animais que há muito tinham abandonado o lugar.

Este processo de regeneração inspirou nosso projeto mais recente, *Gênesis*. Em 32 viagens, feitas durante oito anos, às partes mais remotas do nosso planeta, tentamos capturar a beleza majestosa da natureza ainda intacta: paisagens marinhas congeladas, vulcões em erupção, animais selvagens, povos antigos. Nada é mais estimulante do que redescobrir o mundo em sua forma mais pura. O livro *Gênesis* vendeu mais de 600.000 exemplares e a exposição museológica, que já foi vista em 49 cidades ao redor do mundo, bateu, até a presente data, todos os recordes de visitantes a uma exposição de fotografia.

Tendo constatado que um público tão significativo compartilha da nossa filosofia, nos sentimos encorajados a difundir, mais uma vez, a mensagem de que a Amazônia e seu povo – sejam tribos indígenas ou comunidades empobrecidas vivendo nas margens dos rios – precisam urgentemente de atenção e ajuda.

A imagem da floresta tropical como 'pulmão do mundo' é um clichê que traduz muito bem o fato de que ela absorve grandes quantidades de dióxido de carbono, um dos principais causadores do aquecimento global. No entanto, como um sinal sombrio dos efeitos do desmatamento, a capacidade da floresta de converter CO<sub>2</sub> em biomassa encontra-se em constante declínio. Além disso, a estabilidade do clima do planeta vem sendo afetada pelo fluxo e pela evaporação dessa que é a maior rede hidrográfica do mundo. Este processo, por sua vez, regula a temperatura e a umidade do ar e dos ventos que atravessam a floresta e depois saem da região. Por isso, quando o meio-ambiente na Amazônia se desestabiliza, as consequências são sentidas muito além das fronteiras da América Latina.

A floresta em si tem um potencial econômico enorme e sustentável, mas não sob a forma atual de exploração. A extração ilegal de ouro, por exemplo, envenena numerosos cursos d'água, pois o mercúrio mata os peixes (principal recurso dos índios) e as toneladas de lama descarregadas asfixiam todas as outras formas de vida aquática, de ovos de peixes e pequenos animais a plantas ribeirinhas e insetos. Da mesma forma, as áreas desmatadas para a criação de gado, seja pelo corte de árvores ou pelas queimadas, somente são produtivas por um prazo máximo de vinte anos, porque uma vez exposta a terra sofre erosão, perde seus nutrientes e se desertifica. Por último, a exploração madeireira desequilibra ainda mais a floresta primária.

Muitas vezes esquecemos que uma floresta tropical não é renovável, pelo menos não em grande escala, e que isso tem um custo extremamente elevado. Nossa experiência no Instituto Terra nos ensinou que a restauração do ecossistema de uma floresta custa cerca de 8.000 dólares por hectare. Quando se acrescentam os custos de recuperação das fontes d'água e de recriação da vegetação rasteira, esse valor aumenta para quase 20.000 dólares, sem mencionar que são necessárias décadas para que a terra retorne a um ciclo natural.

Considerando que a floresta amazônica do Brasil abrange 420 milhões de hectares (4,2 milhões de km<sup>2</sup>), pode-se afirmar, sem exagero, que ela representa a maior concentração de capital do mundo. Em outras palavras, a floresta tem infinitamente mais valor intacta do que destruída.

Como fazer então para que a floresta seja preservada, mas sem deixar de servir como um recurso verdadeiramente renovável?

Os índios vivem com a floresta, e não contra ela. Temos muito a aprender com os seus conhecimentos sobre as plantas. Durante uma recente visita aos Yawanawa, no Acre, o chefe da tribo mostrou orgulhoso seu jardim, onde crescem cerca de 2.800 plantas medicinais. A extraordinária variedade da flora amazônica oferece imensas oportunidades para a indústria farmacêutica e a de cosméticos, desde que consigam desenvolver uma estratégia para trabalhar e aprender com os índios. Enquanto isso, a proliferação de lojas de produtos naturais em cidades ocidentais, sinal da rápida expansão do mercado de produtos não sintéticos, deve estimular as comunidades da Amazônia a extrair e comercializar óleos essenciais, nozes, frutas, condimentos e outros produtos similares.

Outro recurso econômico, que até agora foi mal aproveitado na Amazônia, é o ecoturismo. Já é possível percorrer uma parte do rio Amazonas em cruzeiros de luxo, mas o contato dos viajantes com as tribos indígenas ainda é mínimo. Em geral, os turistas deixam de ter uma visão autêntica da nobreza da floresta e do estilo de vida de seus habitantes. Seria preciso rever o conceito e a organização desse tipo de turismo, tanto no que se refere aos visitantes quanto aos índios, planejando, por exemplo, viagens de vários dias em canoas ou por hidroavião, para explorar a floresta e a vida cotidiana dos ribeirinhos. É claro que será necessário preparar esses últimos para o contato com os visitantes do mundo exterior. Mas se o ecoturismo for desenvolvido de maneira racional criará empregos que irão dissuadir os jovens de deixarem suas aldeias para aumentarem as populações pobres das pequenas cidades da região.

Não esqueçamos também dos milhões de camponeses pobres que vivem em aldeias e pequenas cidades nas margens do Amazonas e de seus afluentes. Muitos foram trabalhar nas fazendas de borracha, na colheita de nozes ou no corte de árvores, mas estes trabalhos simplesmente desapareceram e, hoje, eles mal sobrevivem da pesca e da caça. Esses camponeses, no entanto, possuem um conhecimento íntimo da floresta e dos rios, e além de tudo falam fluentemente português. Assim, também poderiam se beneficiar desses projetos, trabalhando, por exemplo, como guias e pilotos fluviais, ou ainda na horticultura e na coleta de produtos florestais.

O objetivo desta iniciativa é, portanto, o de revalorizar a floresta e aqueles que nela vivem, protegendo-os de ataques repetidos a seus recursos e a sua cultura.

Como fotógrafos e como criadores de livros e exposições, não temos a pretensão de implementar sozinhos as mudanças radicais que são necessárias para salvar a bacia amazônica. Para isso existem técnicos especializados, empresas, governos, instituições e organizações internacionais. Mas nós começamos a procurar parceiros para se juntarem a nós neste projeto, bem como patrocinadores que nos ajudem a concluir a etapa fotográfica desta iniciativa.

No Brasil, começamos a apresentar e a explicar nossa iniciativa a representantes do governo brasileiro, incluindo o Ministro das Relações Exteriores e, não menos importante, os responsáveis por altos cargos das Forças Armadas, que reconhecem os benefícios de se engajarem num projeto construtivo, em vez de concentrarem sua atuação na repressão a violações de leis ambientais e a incursões de gangues armadas de países vizinhos. Também expusemos nossas ideias para empresários, políticos e representantes de organizações de defesa ambiental, e a receptividade que encontramos nos deixou ainda mais entusiasmados.

Além disso, o Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, disse, em recente reunião que mantivemos em Nova York, que consideraria a possibilidade de mobilizar as agências ambientais da ONU, bem como de obter recursos, desde que o governo brasileiro apresente um pedido oficial à Organização.

Ao mesmo tempo, a ex-ministra do Meio Ambiente, Izabella Monica Teixeira, , que desempenhou um papel importante nas negociações climáticas da COP21, aceitou ser a coordenadora da iniciativa.

No médio prazo, a fim de ajudar a identificar as melhores práticas de aproveitamento e preservação da floresta Amazônica, será preciso reunir especialistas dos mais variados campos, tais como biólogos, engenheiros, geólogos, mineralogistas e estrategistas militares – para não mencionar agrônomos, médicos, farmacologistas, cosmetólogos e agentes turísticos. E à medida que forem sendo encontradas oportunidades economicamente viáveis e que respeitem o meio-ambiente, surgirão os programas de investimento e de capacitação. Nosso objetivo é que essa iniciativa sirva de modelo para todos os países da bacia amazônica.

No momento, acreditamos que nosso papel é o de dar vida a este ambicioso projeto. Mas a nossa principal contribuição será revelar o que está realmente em jogo na Amazônia, mostrando por meio de fotografias, livros e exposições apresentadas em todo o mundo, a magnificência desta floresta tropical e a nobre simplicidade do estilo de vida indígena. Pelo poder das imagens, esperamos estimular um novo pensamento – e novas ações –, a fim de melhor preservar este patrimônio inestimável da humanidade.

Nossa tarefa imediata é a de encontrar e reunir aqueles que compartilham conosco essa preocupação.

Sebastião Salgado & Lelia Wanick Salgado

Paris, dezembro de 2017